



Este artigo é publicado com uma licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar e/ou adaptar o material para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indique se foram feitas alterações.

ARTIGO

“Vós, mulheres, sede submissas”: a governamentalidade da sexualidade da mulher cristã em Goiás

Rayane Ferreira de Souza:

 Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2888-6088>

Tiago Cassoli:

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9751-124X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14975537>

Resumo:

Este artigo trata de uma investigação baseada no relato de vivências subjetivas de um dos autores atravessadas por distintos afetos e implicações, considerando que o cristianismo moldou, durante um longo período, a construção identitária do que é “ser mulher”. O método cartográfico, aplicado no acompanhamento do diário de anotações (acrescido de poemas, citações, notícias, ditados populares, práticas discursivas e passagens bíblicas), busca promover reflexões, desnaturalizando e potencializando transgressões frente ao modelo instituído a partir do seguinte questionamento: “A mulher é sujeito a ser governado pela religião”? Onde o objetivo geral do trabalho é pensar o impacto dos discursos fundamentalistas na construção subjetiva da sexualidade da mulher cristã. O estudo justifica-se por buscar fortalecer diálogos contrários a posturas pautadas na mansidão e inferiorização das mulheres nas instituições religiosas cristãs, e visa incitar novos estudos na área, dada a carência de artigos com as palavras-chave “mulher”, “cristã” e “Goiás”. Baseado nos dados levantados e analisados, os resultados parciais apontam que no Estado de Goiás ainda são predominantes pensamentos e atitudes conservadoras, machistas e misóginas, enquadrando a subjetividade feminina aos ideais de uma mulher virtuosa: casta, temente a Deus, obediente ao marido, mãe dedicada e cuidadora.

Palavras-chave: Mulher; Cristã; Goiás.

“You, women, be submissive”: the governmentality of christian women's sexuality in Goiás

Abstract:

This article is an investigation based on the account of the subjective experiences of one of the authors, traversed by different affections and implications, considering that Christianity has shaped the identity construction of “being a woman” over a long period of time. The cartographic method, applied to accompany the diary of notes (plus poems, quotes, news, popular sayings, discursive practices and biblical passages), seeks to promote reflections, denaturalizing and enhancing transgressions against the established model based on the following question : “Is woman a subject to be governed by religion” ? The general aim of this study is to consider the impact of fundamentalist discourses on the subjective construction of Christian women's sexuality. The study is justified because it seeks to strengthen dialogues contrary to attitudes based on the meekness and inferiorization of women in Christian religious institutions, and aims to incite new studies in the area, given the lack of articles with the keywords “woman”, “Christian” and “Goiás”. Based on the data collected and analyzed, the partial results show that conservative, sexist and misogynist thoughts and attitudes are still prevalent in the state of Goiás, framing female subjectivity in the ideals of a virtuous woman: chaste, God-fearing, obedient to her husband, a devoted mother and caregiver.

Keywords: Woman; Christian; Goiás.

Introdução

O trabalho em questão se inspira na análise institucional a qual cria bases para se pensar a pesquisa-intervenção. De maneira antagônica aos tradicionais métodos científicos da Psicologia, de caráter positivista, esse modo de se fazer pesquisa aponta para uma nova perspectiva: transversal, questionadora, implicacional, transformadora, pautada no cuidado e no afeto e aberta para os diversos pontos de vista (Passos e Eirado, 2015). Por intermédio da desnaturalização das vivências cristalizadas e apostando na dimensão processual das existências e na potencialização das tensões, este texto tem como foco a intervenção sobre si e sobre os outros (Nascimento e Lemos, 2020). Ao adentrar nas minúcias de nossa subjetividade, este tipo de método permite a produção de novas formas de se inserir no mundo. Em outras palavras, por meio dessa prática manifestam-se forças “intensivas moleculares, transversais e diagonais à escritura da pesquisa, que

podem ganhar formas [...] e estremecer as cristalizações do instituído das instituições da metodologia, do método e das teorias” (NASCIMENTO E LEMOS, 2020, p. 248).

Para além de um texto acadêmico, esta é uma narrativa crítica acerca dos mecanismos de poder sustentados por discursos fundamentalistas de cunho religioso. A partir dos questionamentos das verdades absolutas apregoadas pela instituição cristã, as ardentes inquietações sobre o tema me fizeram resgatar (enquanto um dos autores deste texto, mulher branca, cis, hetero, nascida e criada no município de Jataí pertencente ao Estado de Goiás) uma parte da minha história: os cadernos de orações, que são parte das minhas vivências na religião cristã protestante em território goiano, agora vistos sob uma nova perspectiva. Esta travessia, não seria possível sem o olhar sensível e político do outro autor, o professor Tiago, que respaldado por uma perspectiva filosófica vinculada à subjetividade enxergou, neste presente tema do trabalho, potencial.

A explicitação das experiências, segundo Barros e Kastrup (2015), se configura como um processo de envolvimento de afetos. O retorno ao vivido, assegura uma escrita respaldada pelo aprendizado, performando cenários e desnudando afetos. As palavras, assim, são como o efeito do vento sob a água. São vivas, tocantes, vibrantes. Como dito anteriormente, tomo como aliados nessa escrita íntima que deriva da figura feminina (Barros e Passos, 2015), os meus cadernos de oração (que aqui os chamarei de diários). Estes diários, escritos entre os anos de 2019 a 2021, contribuem metodologicamente ao tema deste trabalho, pois descrevem o impacto do atravessamento religioso na minha subjetividade e, além disso, fornecem pistas sobre um mapa de uma jornada interior, marcada por inseguranças, angústias e dúvidas.

Como tentativa de produzir respostas aos dispositivos que capturam e escravizam corpos e comportamentos das mulheres cristãs em Goiás, este trabalho tem por objetivo geral analisar as reverberações dos discursos fundamentalistas na subjetivação do “ser mulher”. Devemos considerar que o texto, é fruto de uma investigação mais ampla, desenvolvida ao longo de minha graduação em psicologia. De modo que, visando esmiuçar o objeto de pesquisa e estando amparado pelo método cartográfico, segue um arranjo geral composto por entradas que se desdobram em um emaranhado de linhas distintas. A investigação geral possui três entradas, sendo a primeira ligada aos conceitos

de biopolítica, dispositivos e governamentalidade, formando as linhas do poder, dos dispositivos de controle de condutas e a linha dos limites traçados no corpo da mulher. A segunda entrada é nomeada de “O destino”, e agrupa duas linhas: a linha do casamento e a linha da maternidade e sexualidade. Já na terceira entrada, chamada “Saída”, a linha de ruptura traz luz a Teologia Feminista. Neste texto ficaremos voltados apenas para a primeira entrada, visto que é a raiz do trabalho e fornece subsídios para as entradas subsequentes, que não poderão ser aqui descritas detalhadamente, sob o risco de deixar o artigo demasiadamente extenso.

A partir do questionamento “A mulher é sujeito a ser governado pela religião?”, o presente estudo propõe fomentar reflexões no que concerne a naturalização de posturas pautadas na mansidão e inferiorização do corpo feminino nas instituições religiosas cristãs, além de oportunizar novos estudos na área, uma vez que, durante a coleta de artigos para a pesquisa, tornou-se perceptível a escassez de materiais nos quais constem as palavras-chave: “mulher”, “cristã” e “Goiás” em grande plataformas digitais como o SciELO, Pepsí, Portal de periódicos da Capes, dentre outras.

No que concerne ao método, adotamos a perspectiva de uma mochileira, que leva o necessário para a viagem, e está aberta ao novo que se forma na realidade, recorrendo aos pressupostos da cartografia. Ao possibilitar a demarcação e mapeamento dos objetos de estudo, a cartografia auxilia na (re)organização de pensamentos e informações, possibilitando que novas perspectivas emergjam, repletas de significados e conexões. Os cadernos de orações – materiais derivados do período no qual estive imersa na religião cristã protestante – são tratados como diários íntimos que partem de vivências, e expressam a minha vinculação, como pesquisadora, com o objeto de estudo da pesquisa.

Tal como uma viajante que não possui total controle sobre as interferências externas e se arrisca a vivenciar novos costumes, comidas, línguas, etc., o cartógrafo também está imerso nas experiências, relações, movimentos e interesses envolvidos no processo de mapeamento. Da mesma forma que a mochileira usa pequenos alfinetes para marcar no mapa os lugares que já visitou, o processo cartográfico, por não ter um caráter rígido, se desenvolve por meio do contato e da investigação contínua: é no caminhar que o mapa ganha forma e vida (Lemos e Oliveira, 2017).

Entrada 1: Biopolítica, dispositivos e governamentalidade

Linha 1: O poder

Foucault (1988) discorre que o poder “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p. 103). Permeando as condutas individuais, em linhas gerais, este se refere a “feixes de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 1979, p. 248), atravessando e se estabelecendo em relações, agindo de maneira sutil e sedutora, estando presente nas mais diversas instâncias, como: escola, família, trabalho e religião.

No livro *Nascimento da biopolítica* (2008), o pensador francês analisa as práticas governamentais ocidentais ao longo do tempo. Dentre os séculos XIII e XV predominou-se o governo dos indivíduos, este tendo as suas raízes no poder pastoral. O pastorado, apreendido e reformulado pelo cristianismo, tornou-se um pilar primordial da religião. O indivíduo ao fazer-se objeto de governo, sofre interferências nos seu modo de pensar e agir, estando submetido aos instrumentos de controle da vida. Apesar das mudanças no modelo de governamentalidade ao longo do desenvolvimento humano, o dispositivo pastoral é, como explicaremos mais adiante, uma fina camada que recobre a consciência dos indivíduos até os dias de hoje e se trata, portanto, de um pano de fundo que continua a sustentar a arte de governar.

Partindo desse pressuposto, Foucault analisa os diferentes mecanismos de exercício do poder sobre a vida durante os séculos. A soberania do governante na sociedade pré-capitalista se justificava pelo exercício do direito divino, em que o “fazer morrer ou deixar viver”, era a máxima adotada. O poder absoluto apregoava uma maneira de governar pautada no racismo estatal, uma vez que

o efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar. Em última análise, o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte: é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida (FOUCAULT, 2000, p. 287).

Em contrapartida, dentre o século XVII até o final do século XVIII, a anátomo-política¹ se constitui através da tecnologia disciplinar de vigilância e higienização, centrada nos corpos individualizados. Ela articula-se, posteriormente, à tecnologia regulamentadora da vida, adentrando na espécie humana e nos seus respectivos processos biológicos, haja vista que se volta para o equilíbrio e controle da massa global. A biopolítica, introduzida no século XIX, não excluiu totalmente as técnicas mencionadas anteriormente, porém as coloca em segundo plano ao se centrar na população e seus fenômenos coletivos. Denominada de política da vida, a biopolítica promove, através de mecanismos sutis e racionais de assistência, o controle das múltiplas maneiras de viver. A máxima, aqui, se inverte: fazer viver e deixar morrer.

Linha 2: Dispositivos de controle de condutas

Os dispositivos são um emaranhado de elementos. Dito de outra forma, são estruturas que configuram modos de ver e de falar, conjuntos complexos que moldam e regulam práticas sociais, discursos e formas de percepção e interação. Com um objetivo estratégico, os dispositivos são permeados por linhas que os atravessam, agindo como fios condutores de distintas maneiras: linhas de visibilidade, enunciação, força, subjetivação, fuga, etc. E é através do desembaraçar dessas linhas que se abre espaço para os caminhos de criação, ou seja, os dispositivos se constroem e reconstroem nos processos de devir, aperfeiçoando as produções de saberes e modos de subjetivação (Deleuze, 1996). Nesse sentido, é possível notar a evolução dos dispositivos de controle sobre o corpo da mulher cristã, uma vez que os tentáculos desse poder buscam se prender ao corpo feminino como uma forma de domínio disfarçada de proteção, adaptando-se às mudanças sociais e culturais ao longo dos séculos. De maneira que em nossa análise, o poder investe estrategicamente sobre o corpo feminino através dos seguintes dispositivos: dispositivo pastoral, dispositivo amoroso, dispositivo materno, dispositivo da eficácia, dispositivo da sexualidade e o dispositivo da aliança.

¹ A anátomo-política dos corpos refere-se a maneira como o Estado Moderno passou a regular e controlar os sujeitos, enxergando-os enquanto “corpos-máquinas”. Tal perspectiva visa explorar ao máximo, a utilidade, a produtividade e o desempenho de indivíduos expostos ao processo de docilização.

Numa conferência realizada em 1979, *Omnes et singulatim: Por uma crítica da razão política*, Foucault (2006) realiza uma análise crítica da racionalidade produzida pelas práticas excessivas de poder. Uma das técnicas de poder discutidas pelo autor é a tecnologia pastoral, amplamente difundida pelo pensamento cristão primitivo. Este dispositivo refere-se a uma forma de governo pastoral dos indivíduos, onde um dos pilares é o controle e direcionamento das almas. Assim, o Deus-Pastor deve reunir, exortar, guiar e zelar individual e coletivamente, além de conferir identidade a cada membro do rebanho. Ao se transformar em uma ferramenta de poder político, o pastorado fomenta o controle dos indivíduos; em outras palavras, o sujeito é subjetivado pelas ordens do pastor.

O dispositivo amoroso age como um processo de convencimento social e cultural, que submete as mulheres aos papéis de cuidado e serviço, a busca pelo amor do homem e a pressão para atender a um ideal estético. Portanto, este dispositivo atua na construção identitária feminina, mediada pela percepção do olhar masculino. Nesse sentido, “ser escolhida” é vital, pois valida a autoestima da mulher, tornando este reconhecimento externo essencial enquanto valor pessoal. A frase “Para ficar bonita tem que sofrer!” - uma frase curta, mas de impacto imenso que ouvi (e ouço) quando realizo algum cuidado estético que provoca desconforto e até mesmo dor - reflete a necessidade social de se sacrificar e suportar, em última instância, situações extremas de violência e abuso em busca do desejo masculino, que é “conquistado” a duras penas. A metáfora da “prateleira do amor”, criada por Zanello, expressa a posição na qual a figura feminina é colocada: vista como um objeto catalogado, precificado, moldado e sujeito a realocamentos (Zanello, 2022).

A bíblia pode ser compreendida a partir dessa perspectiva, uma vez que coloniza e educa afetos e jeitos de ser:

22. Esposas, que cada uma de vocês se sujeite a seu próprio marido, como ao Senhor;
23. Porque o marido é o cabeça da esposa, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.
24. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também a esposa se sujeite em tudo ao seu próprio marido (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2017.9 Efésios 5: 22-24).

Discursos ideológicos, permeados de construções históricas, fazem da maternidade um alvo de naturalização e interpelação, assombrando o imaginário das mulheres, que são incitadas a procriarem, afinal, o chamado “relógio biológico” não para. Ao perpetuar o convencimento de que o “sentimento materno” é inerente à mulher, uma segunda camada identitária se forma: antes apenas esposa (atuando como esposa-mãe em certos momentos), agora esposa e mãe (Zanello, 2018). Encoberto por interesses econômicos e sociais, o dispositivo da maternidade opera no caráter da mulher: é responsabilidade desta cuidar e amar o filho mais do que a si própria.

Os pilares identitários do “tornar-se um homem” se fundamentam por meio do dispositivo da eficácia, que se desdobra em dois tipos de virilidade: a laborativa (ser o provedor da casa) e a sexual (ser um “comedor” de mulheres). Os investimentos voltados para si, revelam que, enquanto as mulheres tendem a (super)investirem emocionalmente e amorosamente nos homens, eles se beneficiam do dispositivo amoroso e materno, o que os auxilia a manterem as suas percepções cristalizadas sobre a hombridade (Zanello, 2022).

As melodias goianas, incluindo as sertanejas, reforçam estereótipos pautados na visão desigual de gênero, onde os homens são retratados como dominantes, ocupando posições de poder, controle e conquista e as mulheres são relegadas a um lugar de subordinação:

Não era pra você se apaixonar
Era só pra gente ficar
Eu te avisei
Meu bem, eu te avisei
Você sabia que eu era assim
Paixão de uma noite que logo tem fim
Eu te falei, meu bem, eu te falei

(...)

Chora, me liga, implora
Meu beijo de novo
Me pede socorro
Quem sabe eu vou te salvar
Chora, me liga, implora
Pelo meu amor
Pede por favor
Quem sabe um dia eu volto a te procurar (JOÃO BOSCO & VINÍCIUS, 2009).

O dispositivo da sexualidade é voltado para o controle dos corpos, estabelecendo binariedades e clivagens; em outras palavras, corpos dominados e dominantes. Segundo Foucault (1988), a mulher foi o centro de organização de dispositivos de saber/poder, tendo seus comportamentos (que fogem da norma social estabelecida) patologizados e medicalizados. Considerados um perigo para a Igreja, o sexo e a sexualidade são instrumentalizados em um ideal santificado, e o que foge a isso está no escopo do pecado. Assim como um monstro a ser dissecado e domesticado, os desejos sexuais, em especial os femininos, são esculpidos pelo discurso cristão:

O espírito de Deus é de *adoção* e não de *escravidão*, quem luta contra os *desejos da carne* e é *guiado* pelo espírito, é chamado de *filho de Deus*. *Somente Jesus* é capaz de *nos livrar* dos pecados da carne (...). A maneira com a qual nós vivemos, revela se somos *guiados pela carne ou pelo espírito*. (Escritas do diário com base na passagem bíblica de Romanos 8: 1-17. Grifos meus).

O dispositivo da aliança pode ser facilmente visto em um culto que o até então Reverendo da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia realizou, discorrendo a respeito dos direitos e deveres sexuais no casamento: “no casamento, uma pessoa perde os direitos de exercer autoridade sobre o seu próprio corpo” (PIPG, 2021, 7 min 20 s). Segundo os preceitos cristãos, o sexo e o desejo sexual foram criados por Deus para ser desfrutado dentro do matrimônio, portando em si caráter protetivo frente a imoralidade sexual. No vídeo, a autoridade religiosa enfatiza que o sexo é considerado uma dívida sagrada e obrigação moral e espiritual, uma vez que o ato de servir deve prevalecer.

O Reverendo discorre que as relações sexuais entre marido e esposa se tratam, em primeira instância, da renúncia ao direito sobre as necessidades sexuais do próprio corpo, em prol dos desejos do cônjuge. A rendição, servidão, devoção e satisfação do outro, permeiam a construção identitária do “ser uma boa esposa”:

(...) nem você esposa, tem o direito de dizer todas as noites: “Sinto muito! mas hoje estou com dor de cabeça”. Casais, não usem atos piedosos, dores pelo corpo, o estresse do trabalho, para cobrir problemas em seu casamento que os levam a evitar a intimidade sexual, como casados (PIPG, 2021, 28 min 28 s).

Chauí (1984) descreve que, ao defender a tradição, a família cristã - por ser uma instituição política e social - se caracteriza por ser moralista, reacionária, punitiva e vigilante. A mulher, considerada o lado da luxúria e do pecado, ao ser imputada a exercer

o dever conjugal e a atuar a partir de um papel sexual passivo, tem seu corpo e sua alma minuciosamente controlados. Em suma, a restrição sexual, a valorização da autoridade paterna e a procriação como fim natural, são pilares que revelam o silêncio ensurdecedor da religião no espaço íntimo.

Com justificativas ligadas à natureza biológica, o sistema de privilégios e subordinação impelida é fortificado pelas figuras masculinas que exercem o papel de senhores das mulheres, escravizando mentes e moldando jeitos de ser e agir.

Considerações Finais

O presente estudo almejou, por meio da cartografia, destrinchar algumas das amarras que aprisionam o corpo da mulher cristã em Goiás, buscando colocar em evidência os mecanismos de manutenção do saber/poder. Com base no objetivo geral da presente pesquisa - pensar sobre o impacto dos discursos fundamentalistas na subjetivação do “ser mulher” -, os principais achados destacam que os dispositivos de controle de condutas são latentes nas vivências das mulheres cristãs, sendo constantemente aperfeiçoados em um conjunto de normas naturalizadas.

Dessa forma, este estudo se mostra relevante, pois coloca em cena temas delicados - muitas vezes postos para debaixo do tapete - de uma maneira poética e ao mesmo tempo provocativa. Como contribuição social, o estudo no qual se origina este trabalho (atualmente em andamento), visa desmistificar crenças arraigadas, questionando verdades absolutas apregoadas pela instituição religiosa, o que pode servir de *insights* para as pessoas, especialmente às mulheres, incluindo também autoridades religiosas e políticas, trazendo reflexões críticas sobre o exercício da fé sem amarras que limitam a singularidade.

Referências:

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos.
In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia. In: ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs).

Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.

BARROS, Regina Benevides.; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: _____. **O mistério de Ariana.** Lisboa: Veja, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **História da sexualidade I: A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Omnes et Singulatim: uma Crítica da Razão Política. Tradução: Heloísa John. **Novos estudos CEBRAP**, n. 26, p. 77-99, mar. 1990.

_____. **O nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JOÃO BOSCO & VINÍCIUS. Chora, me liga. Compositor: Euler Coelho. In: **Curtição.** Intérprete: João Bosco & Vinícius: Sony Music, 2009. (3:01). Disponível em: <https://youtu.be/PMJIGNNItM?si=2PjAkPj5XdxvLxmD>. Acesso em: 20 set. 2024.

LEMONS, Cassio Fernandes; OLIVEIRA, Andréia Machado. Mapeamento, processo, conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, v. 1, n. 8, mai 2017. DOI: <https://doi.org/10.15210/p31.v1i8.13299>. Acesso em: 15 mai. 2024.

NASCIMENTO, Maria Livia; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A pesquisa-intervenção em psicologia: os usos do diário de campo. **Barbarói**, n. 57, p. 239-253, 5 jul. 2020. DOI; <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14675>. Acesso em: 18 mai. 2024.

PASSOS, Eduardo.; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.109-130.

PIPG - PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DE GOIÂNIA: **O Sexo no Casamento: Deveres e Direitos - 1 Coríntios 7: 1-5** | Rev. Herley Rocha, 18 de ago. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/RSqiIOG0fVk?si=IFDCiYkx24pDcQpF>. Acesso em: 15 de ago. 2024.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Nova Almeida Atualizada (NAA). Barueri-SP: Editora Ampliada, 2017.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: Sobre mulheres, homens e relações**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

Rayane Ferreira de Souza: é psicóloga, graduada pela UFJ - Universidade Federal de Jataí.

E-mail:

rayaneferreiradesouza097@gmail.com

Tiago Cassoli: é doutor em psicologia (psicologia e sociedade) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, mestre em psicologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF, professor do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Jataí.

E-mail: tiagocassoli@ufj.edu.br

Aceito em 22/09/2024

Publicado em 07/03/2025